

# Por Que Devemos Pensar sobre a Moral? Uma Reflexão à Luz da Pedagogia Waldorf

Maíra de Oliveira Martins

Como citar: MARTINS, Maíra de Oliveira. Por Que Devemos Pensar sobre a Moral? Uma Reflexão à Luz da Pedagogia Waldorf. In: SILVA, Matheus Estevão Ferreira da; MARTINS, Raul, Aragão (org.). **A formação ética, moral e em valores na pesquisa em educação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 183-204. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-317-5.p183-204>



# Por Que Devemos Pensar sobre a Moral? Uma Reflexão à Luz da Pedagogia Waldorf

*Maira de Oliveira MARTINS<sup>1</sup>*

## Introdução

O que é uma vivência moral? Será um apanhado de regras de convivência social, o conhecimento de leis divinas, ou a atuação para o bem dos menos privilegiados de toda ordem? Indagações neste sentido nos levam a refletir o porquê devemos nos debruçar sobre o estudo da moral humana. Um aspecto que observamos estar relacionado a este estudo é o fato de poder despertar algo profundo, em alguns, muito ou pouco, seja de maneira consciente ou inconsciente, ao se deparar com eventos que envolvam a injustiça, desigualdade, sofrimento, dor, entre outros. Esse sentimento que surge pode estar relacionado com a tristeza, indignação, raiva, compaixão etc. O fato é que esse fenômeno é passível de acontecer, e, por estarmos inseridos na cultura atual, podemos refleti-los. Nas páginas que se seguem tentaremos refletir sobre a moral e sua relação com a humanidade atual. Rudolf Steiner (1861-1924), filósofo e educador austríaco, fundador da Pedagogia Waldorf, traz estudos acerca deste tema cultural da moral humana.

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Marília, São Paulo, Brasil. E-mail: maira.martins@unesp.br  
<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-317-5.p183-204>

De acordo com o autor, para conhecer o ser humano é necessário compreender o mundo o qual ele vive. O ser humano vem a ser um microcosmo, a imagem do Cosmo, ou seja, Universo. Nesse sentido, o Universo e seus mundos passaram por desenvolvimentos anteriores ao estado atual, o ser humano constitui-se como um fator desse desenvolvimento e ambos ainda perpassarão por desenvolvimentos futuros. “A vida atual coloca em questão muito do que o homem herdou de seus antepassados.” (STEINER, 2012, p. 11). Do mesmo modo, continuamos traçando nosso “destino” como humanidade. No que tange à moral, só podemos compreendê-la na medida em que inserimos o ser humano dentro do mundo, cultural e cósmico, à vista de contemplar o seu desenvolvimento, a fim de conseguirmos captar os recursos humanos que se tinham, os que permaneceram e os que devem sucumbir para que possamos alcançar uma verdadeira vivência moral. Compreenderemos o homem como ser moral quando nos deparamos com esse impulso no qual provém seus atos morais, em sua *alma*.

[...] a coisa de menos importância no âmbito moral é sabermos o que se deve fazer, qual a ação correta no domínio da moral. No âmbito da moral o mais importante é que vivam no nosso íntimo certos impulsos que, em razão de seu vigor, de sua força interior, transformem-se em ações morais, isto é, exteriorizem-se moralmente. A esse resultado não levam absolutamente as pregações sobre moral ou resultados dessas pregações, como é sabido. *Fundamentar moral significa conduzir o homem às fontes em que ele pode apropriar-se dos impulsos de onde provêm as forças que levam à ação moral.* (STEINER, 1985, p. 14, grifo nosso).

Compreendemos, então, que para pensarmos em uma fundamentação sobre a moral, devemos entender como se passaram os impulsos culturais, desde os mais remotos, no desenvolvimento do ser

humano, sobretudo de sua *consciência*. Quando olhamos para trás, na História da humanidade, observamos com facilidade a distinta consciência dos povos. Os personagens históricos que surgiram, como os filósofos e pensadores, ativistas, entre outros, nos mostram, se observamos bem, os impulsos colocados à serviço do desenvolvimento da consciência humana.

Para Steiner (1998), a evolução do ser humano, de maneira geral, ocorre desde épocas longínquas, anteriores à mencionada na História, que segundo o autor, só compreendem até o que os sentidos materialistas podem alcançar. De acordo com suas pesquisas, o desenvolvimento do ser humano ocorre a partir de um processo que parte da unificação com o Todo para uma individualização, do qual ainda estamos percorrendo. Assim, em evoluções planetárias, vem sendo desenvolvido a natureza do ser humano, de maneira que sua consciência vai se tornando cada vez mais nítida em relação ao mundo exterior, por um lado, e tornando-se autoconsciência, por outro (STEINER, 2004).

Portanto, viemos de uma situação de inconsciência exterior, para o estado de uma consciência onírica, que por sua vez foi aumentando o grau de lucidez e ampliação do mundo ao redor; por fim, atualmente encontramos-nos na consciência de vigília e lúcida. “Esta consiste no fato de o homem, com seus sentidos atuais, poder perceber as coisas e os seres do mundo e formar, com o auxílio de sua inteligência e de sua razão representações mentais e ideias sobre essas coisas e seres.” (STEINER, 2004, p. 53).

Na medida em que ocorre o desenvolvimento e ampliação da consciência vão surgindo novas necessidades, as quais adentramos no campo do nosso objeto de estudo. No que tange à moral, “O “homem” tem de passar pelo egoísmo para retornar, num grau superior, ao altruísmo, agora, porém, com uma consciência completamente lúcida” (STEINER, 2004, p. 30). O que isso quer dizer? Na Grécia antiga já encontramos uma

indicação da nova necessidade ao homem, com o advento da consciência: “Homem, conhece-te a ti mesmo”<sup>2</sup>. Desta forma, o caminho do ser humano está para, com a conquista da consciência, encontrar-se no mundo, e, para isto, precisa encontrá-lo em si mesmo. O povo grego já demonstrava esse conhecimento através da Arte e Filosofia, as quais traziam à tona conteúdos provenientes desse conhecimento, em sua alma. Mas a evolução ainda continua, e o ser humano percorreu as veredas das Ciências Naturais, com o intuito de explicar o mundo a partir da natureza. Apesar dos seus exímios progressos, ela não contempla todas as respostas; proporcionou uma lacuna entre o ser humano material e sua consciência, espiritual.

No entanto, o ser humano é exatamente a vida da consciência na matéria humana, o espiritualizar da matéria corporal humana através dos impulsos da consciência. E quem não chegar ao conhecimento sobre como a consciência permeia, influencia, vivifica a matéria corporal humana, sobre como a matéria pode, por si mesma, ser levada à luz na qual a consciência pode aparecer, não poderá pensar em realizar a exigência *Homem, conhece-te a ti mesmo*, por mais que se esforce. (STEINER, 2008, p. 10-11).

Neste ponto, tocamos na consciência do ser humano. No momento atual, não podemos mais recorrer a qualquer resposta originada em perguntas sobre o mundo e si mesmo, senão por meio do pensar. Diferentemente do passado, no qual as respostas e orientações vinham ao povo a partir de personalidades específicas e, muitas vezes, a partir de rituais semiconscientes (STEINER, 2004), na presente situação do ser humano as respostas somente são encontradas a partir do pensamento claro

---

<sup>2</sup> Frase escrita na entrada do templo do deus Apolo, na cidade de Delfos, na Grécia, no século IV a. C. Fonte: <https://www.todamateria.com.br/conhece-te-a-ti-mesmo/>

e puro. Nesse sentido, Bach Jr. (2015) chama a atenção para a nossa capacidade de vivenciar o pensar.

Steiner (2000) propõe, como fonte de todo o conhecimento, uma nova forma de pensar a realidade. Segundo o autor, nos é possível observar o nosso pensamento, da mesma forma como observamos um objeto qualquer. Ao observarmos o que pensamos, podemos acessar um âmbito do conhecimento que surge a partir daquilo que pensamos inicialmente, proporcionando-nos novos conceitos e novas formas de julgamento sobre o objeto pensado. Deste modo, estabelecemos uma relação com nossa atividade pensante, que só ocorre por meio da consciência, permitindo-nos chegar até um ponto onde encontramos as respostas ao que procuramos.

Pelo fato de nossa consciência estar embasando todo esse processo, esse relacionamento entre o pensamento e a consciência ocorre de tal forma que podemos também encontrar respostas sobre nós mesmos e nosso processo de pensar. Nesse sentido é que se atribui a vivência no pensar, no qual não encontramos as respostas a partir de fatores externos, nem sofremos coações advindas dos conceitos de fora, pois não há a submissão para um julgamento ou conceito fechado de antemão. No processo vivenciado, estabelece-se realmente uma relação entre a percepção, os conceitos e os julgamentos, que resultam em ideias intuitivas, “O pensar intuitivo é a vivência da própria atividade, não é um patamar onde o ser humano chega em sua evolução mental e ali se estabelece. Ele não é o ponto de chegada, é o ponto de partida para uma inédita ampliação da realidade para o homem” (BACH JR., 2015, p. 134). Diante da realidade que ainda nos aparece de forma bastante caótica, podemos encontrar o ponto de apoio no próprio pensar.

[...] no pensar temos uma ponta do devir do universo em nossas mãos e estamos presentes quando este se realiza. E eis, justamente, o que importa. Pois a razão pela qual as coisas se apresentam diante de nós de maneira tão enigmática é que não participamos do seu vir-a-ser. Simplesmente as encontramos. Quanto ao pensar, no entanto, sabemos de onde vem. Por isto, não existe um ponto de partida mais fundamental para a compreensão do mundo que o pensar. (STEINER, 2000, p. 40).

Neste momento, portanto, parece estar claro o porquê devemos pensar sobre a moral humana. Ou seja, o pensamento é o toque do ser humano no universo, é o que permite encontrar novamente o elo entre o ser consciente e a natureza a qual vive e faz parte, de maneira a seguir o caminho proposto na teoria steineriana de retornar à unidade, ancorado na consciência clara. Destarte, temos condições de buscar a prerrogativa dos gregos, conhecendo-nos a nós mesmos. No entanto, esta tarefa não é fácil, pelo contrário, trata-se de um trabalho árduo e penoso, no qual muitos de nós nem queremos começar esta empreitada, ou começamos e desistimos, por se tratar de uma atividade difícil, sofrida, até com sacrifícios. Pois, diferentemente dos animais e plantas, o ser humano, apesar de sua espécie, não é especialista, todos nós agimos diferentemente uns dos outros, apesar de nossa constituição física ser de mesma origem.

Neste aspecto, segundo Steiner (2000), o agir depende de algumas características constituintes em cada um, que, por um lado, contempla o âmbito da espécie, e por outro, sua individualidade.

Para o autor, a ação sempre provém da vontade, e essa é a grande questão. Pois, a vontade pode ser desencadeada de várias maneiras, inclusive de maneira livre. As razões que despertam a vontade podem vir a partir do meio externo, por meio de conceitos e regras, os quais Steiner denomina como motivos. Podem também ser despertadas ações a partir

das vontades internas, cujas fazem parte da organização humana, constituindo-se como princípios internalizados, denominados como força motriz. “O querer não é, portanto, apenas o resultado do conceito ou da representação, mas sim também da constituição particular do ser humano” (STEINER, 2000, p. 107).

Ambas as razões, porém, constituem-se exigências, sejam externas ou internas. Nesse sentido, Steiner (2000) ainda define uma outra forma de agir, que não advenha das exigências, mas da proposta do pensar: a partir das intuições, de modo que, com a observação do pensar puro<sup>3</sup>, encontre as razões para seu querer agir.

Nesse nível da moralidade, não ajo por obediência a uma autoridade e tampouco em decorrência de uma voz interna. Não reconheço nenhum princípio externo ao meu agir, porque achei em mim mesmo a razão para minhas ações, o amor à ação. Não analiso racionalmente se minha ação é *boa* ou *má*; eu a realizo porque a amo. Ela será *boa* se minha intuição mergulhada em amor estiver devidamente contextualizada no ambiente a ser por sua vez entendida intuitivamente; *má*, se não for o caso. (STEINER, 2000, p. 114).

Neste caso, a ação moral brota a partir da individualidade do ser humano, que estará imbuído de amor à sua própria ação; brota a partir de sua alma, e, portanto, é livre. Ao nos depararmos com o mundo atual, poderemos compreender as várias nuances de ações que vão desde as mais animalescas até as mais cultivadas pelo amor. Não se trata, de forma alguma, de categorizá-las e discriminá-las, apontando para o que é o correto ou incorreto; trata-se, com efeito, de percebermos as possibilidades

---

<sup>3</sup> Termo utilizado pelo autor para a diferenciação entre o termo “pensar” utilizado comumente e sua definição do pensar intuitivo, aquele que alcança uma esfera das ideias a partir do relacionamento entre objeto e sujeito, relacionando a percepção, conceituação, sensação e julgamento.

de ações e contemplarmos as diferenças humanas, cada uma traçando seu caminho, com suas possibilidades de pensar sobre a realidade e a si próprio.

Para Steiner (2000), a atuação livre é aquela em que resultou do pensar intuitivo, que, por sua vez, foi escolhida por amor àquela ação; e se estiver bem colocada, no momento e lugar, resultará em um bem ao mundo. Se estiver mal empregada, poderá resultar em um mal ao mundo. A postura individual de observar essas questões e o ser humano, na medida em que se percebe suas ações e suas determinantes, exigidas ou pensadas, constituindo o teor moral de cada um, é o que Steiner define de *individualismo ético*. “A soma das ideias relevantes para nós, o conteúdo real de nossas intuições conceituais, constitui o que diferencia, apesar de toda universalidade das ideias, um homem do outro.” (STEINER, 2000, p. 113).

Temos então, diante de nós, um caminho cultural que nos abstraiu da imagem universal e integrada; podemos conceber-nos no sentido de que nos retiramos, a princípio, do fluxo integralizado inconsciente. No pensar, encontramos essa possibilidade de integração, a partir da própria consciência e imbuída de alma individualizada. “A individualidade é uma superação das limitações da subjetividade, ela continua o percurso evolutivo e vai além do nível alcançado no plano biológico e cultural” (BACH JR., 2015, p. 136).

Nesse sentido, chegamos a um ponto em que somos capazes de dar continuidade à caminhada da humanidade, a partir das ações aos quais realizamos, tendo em vista a moral humana. Destarte, surge a pergunta: do ponto de vista prático, como podemos dar nossa contribuição? Encontramos uma possibilidade na Pedagogia Waldorf.

## **A Proposta Pedagógica Waldorf Como Possibilidade de Desenvolvimento Moral**

Se no início deste capítulo nos perguntamos o que é vivência moral, podemos iniciar este tópico questionando: como a criança vivencia a moral? Na teoria de Rudolf Steiner (STEINER, 2013; MARTINS; STOLTZ, 2021), o ser humano é um ser tri/quadripartido, ou seja, é constituído de três aspectos que o conectam ao Cosmo: corpo, alma e espírito. De maneira geral, corpo é o físico, aquele que é recebido e influenciado pelas leis físicas. Espírito refere-se ao aspecto suprassensível do ser humano, que vem da esfera macrocós mica, carregando toda a história e possibilidades futuras do ser humano; o aspecto materializado do espírito no ser humano é o pensamento/consciência. E a alma vem a ser a intermediária entre o aspecto atual do ser humano, seu corpo, e o aspecto fundamental, o espírito. Intermedia o efêmero e o eterno em nós (STEINER, 2012).

Dentro desta trimem bração, temos dois aspectos relacionados ao estado físico/corpóreo do ser humano: no corpo físico atua algo que lhe confere vida, crescimento, reprodução. Somente os componentes físicos e químicos do nosso corpo não nos permitem que crescamos e nos desenvolvemos até a constituição adulta, bem como nos reproduzamos. O aspecto que atua conjuntamente com o físico é o aspecto vital, denominado também por etérico. É o responsável pelos fluxos e ritmos da vida. O termo “etérico” é empregado para “[...] designar o que é acessível à visão superior, dando-se a conhecer à observação sensorial apenas em seus efeitos, ou seja, por sua propriedade de conferir determinada forma ou figura às substâncias e forças minerais existentes no corpo físico.” (STEINER, 1998, p. 46).

Os correspondentes ao estado espiritual do ser humano, encontramos os aspectos astral e o Eu. O âmbito astral do ser humano se refere à sua vida emotiva, onde despertam as sensações a partir do mundo externo, é a vida emocional do ser humano. O Eu diz respeito à sua consciência, ao que caracteriza cada um como individualidade. É o “Eu” (pode-se dizer a qualquer coisa ou pessoa qualquer nome, mas de si próprio diz-se somente “eu”). “Este aspecto espiritual é o que diferencia o ser humano de qualquer outro ser da natureza; a palavra “eu” traduz a essência, o âmago do ser humano.” (MARTINS; STOLTZ, 2021, p. 113-114). Portanto, dentro da esfera trimembrada do ser humano, encontramos a esfera quadrimembrada: o físico, o etérico, o astral e o Eu.

Pois bem, ao nascermos, somos seres em desenvolvimento, de modo que temos as características mencionadas acima *em potencialidade*. De acordo com os estudos de Steiner (2013), a criança é um ser em desenvolvimento, e este ocorre a cada sete/oito anos, aproximadamente. Nesse sentido, cada aspecto do ser humano desenvolve-se, respectivamente, no período de setênios. Podem ser desenvolvidos de maneira saudável, a levar saúde e desenvolvimento livre do ser humano; ou, ocorrer de tal modo que deixem lacunas, vazios, feridas, levando a um desenvolvimento doentio, privativo de sua liberdade. E neste ponto encontramos a atuação da moral.

O primeiro período de vida da criança está para crescer, desenvolver; o seu corpo físico já está totalmente *formado*, necessitando ser *desenvolvido*. Então, este primeiro setênio temos de observar para o desenvolvimento do aspecto vital (etérico) da criança. Uma característica bem peculiar desta época, do nascer até por volta dos sete anos, é sua habilidade de imitação. Quando observamo-las brincar, agir, está sempre imitando algo a sua volta. Ou seja, toda atitude do ser humano adulto que rodeia a criança influencia no seu desenvolvimento vital, nesta época da

vida. Isto ocorre porque, segundo a perspectiva de Rudolf Steiner, tudo o que permeia a criança, tudo o que ela percebe com seus sentidos, ela *vivencia*. O olhar para uma determinada ação, o contexto, o semblante no rosto, o toque, são conteúdos que vão além de percepção a partir dos sentidos, adentram a alma da criança.

Desta forma, surge uma grande responsabilidade no adulto que lida com a criança, sejam pais, professores, diretores, parentes etc.: a maneira como agir diante da vida perante a criança. Não se trata de se comportar bem em sua presença, e longe agir de maneira diversa, pois a criança percebe seu meio em todos os âmbitos, o observável e o não observável, ou seja, o aspecto anímico do seu entorno. Pois não é o comportamento que está em jogo, mas o ambiente anímico em torno dela. E por que a criança tem essa percepção do meio à sua volta? Bem, para Steiner (2013) a criança é um ser que acabou de descer das esferas macrocósmicas à sua vida corpórea. E o que inicia por desenvolver são seus aspectos vitais, aqueles que organizarão seu corpo e o manterão vivo aqui na Terra.

Aquele aspecto que a individualizará, capaz de tornar-se independente das pressões de toda ordem da vida, se desenvolverá apenas no terceiro setênio, aproximadamente, quando a criança estiver devidamente colocada no mundo. Isto significa que, enquanto sua consciência não é desperta, a criança não se sente separada, individualizada, de seu meio. Neste primeiro período, então, ela é parte confundida com seu ambiente. Daí o motivo que a criança vivencia, e não apenas percebe, o mundo à sua volta. Nas palavras de Steiner (2013, p. 15)

A criança pequena é ainda algo pesado e uniforme, um ser sem a menor curiosidade sobre o qual temos de causar uma impressão a partir da nossa própria maneira de ser. E assim como um saco de farinha não

tem curiosidade pelo que o cerca, tampouco a tem a criança pequena. Mas assim como todas as impressões que os senhores deixaram num saco de farinha ali permanecerão, especialmente se a farinha estiver bem moída, tudo deixará sua marca na criança pequena. E isto acontece não pelo fato de ela ser curiosa, mas de forma análoga à impressão do dedo dos senhores deixada no saco de farinha – pelo fato de terem formado, com ele, uma unidade.

A partir desta unidade podemos pensar, enquanto adultos, que todas as ações exercidas para com a criança são de cunho moral, levando em conta essa impressão que acompanhará sua vida. E então fica claro que não se trata de “bons comportamentos”, mas a forma de viver, de lidar com o mundo. Pois, como vimos acima, neste período, seu aspecto vital está em desenvolvimento, então, tudo o que é vivido pela criança chega até seus órgãos físicos, principal fonte de onde fluem toda a organização infantil, neste momento. “Uma vez que tanto a capacidade de observar, como a de perceber são inconscientes na criança, não nos damos conta de como submerge intensamente em toda a sua organização o que está no ambiente, [...] por meio de sua percepção sensorial global.” (STEINER, 2008, p. 44-45).

Portanto, a moralidade vivenciada na criança pequena são as companhias ao seu redor e a forma como se vivem, como se comportam, como se relacionam com os seres em geral, com o mundo e consigo próprio. Tudo o que é vivenciado pela criança neste período é moral e é recebido de uma maneira natural, inconsciente. Poderemos ser injustos com uma criança antes dos sete/oito anos, ao inserirmos em seu anímico a mentira, a raiva, a indiferença, o desamor, a solidão, a partir do nosso íntimo em relação ao mundo e nossas atitudes. Pensemos nisso.

Considerando o primeiro setênio como o de organizar os aspectos vitais da criança, a queda dos dentes nos mostra o ápice destas forças, de

maneira que o que estava sendo desenvolvido ganha autonomia; a “expulsão” dos dentes demonstra que as forças atuantes continuarão de maneira própria. Parte dessas forças organizadoras do físico se elevam, a partir da queda dos dentes, atuando de maneira mais sutil, para a memória e o pensamento. Agora, a criança entra numa nova fase, no segundo setênio. Sua maneira de se relacionar com o mundo muda, e, no que tange à moral, a qualidade do relacionamento do adulto para com esta criança requer novos cuidados.

Com o advento do pensamento, a criança entra em contato com as imagens do mundo, de forma que sua principal relação com o mundo parte dessas imagens. O adulto agora possui uma nova tarefa com esta criança, ele deve fazer parte dessas imagens. Devemos lembrar que na teoria de Steiner este período ainda não se refere ao pensamento lógico e abstrato. A criança entre sete e doze anos ainda lida com o mundo por meio de imagens, que aos poucos vão ganhando a lógica do mundo, para conquistar o pensamento abstrato, no terceiro setênio (STEINER, 2012).

Destarte, da mesma forma como os heróis dos contos e lendas são a fonte de todo o comportamento da criança, os educadores, diretores, pais, adultos em geral, ganham essa figura, e quais comportamentos queremos formar como imagens? “Daí a importância, para o jovem, de ter à sua volta mestres, personalidades cuja maneira de ver e julgar o mundo possa despertar nele as forças intelectuais e morais desejáveis.” (STEINER, 2012, p. 33). O papel do adulto, nesta época, é de formar essas imagens a ser concebidas e inspiradas pelas crianças, ganhando uma *autoridade*.

Note-se que a autoridade mencionada não é autoritária, de maneira imposta, “[...] deve constituir a evidência espiritual imediata para que o jovem forme consciência, hábitos e inclinações e discipline seu temperamento, com cujos olhos observa o mundo.” (STEINER, 2012, p. 33). Desta forma, o adulto está inserindo imagens dignas de ser

exemplificadas, imitadas, mas providas das imagens criadas a partir de cada criança. De que maneira podemos atuar, a fim de formarmos tais imagens ideais? Neste período, a linguagem desempenha um importante papel. Toda a possibilidade de externar a vida anímica e os pensamentos ocorre por meio da linguagem. No entanto, não se trata de exortações morais e sermões, pois a criança precisa formar uma *imagem do professor*, e, como ainda não é possível a ela lidar com conceitos abstratos, não são palavras que contribuirão para a formação dessas imagens, mas sim *atitudes*.

A linguagem desempenha seu papel quando permite a cada criança, enquanto ser humano, o livre desabrochar. “Na linguagem, não reside somente o idioma. Nela reside o ser humano todo enquanto corpo, alma e espírito. A linguagem é apenas o resumo do homem todo.” (STEINER, 2008, p. 51). Este ponto abarca a coerência que todo o adulto deve ter entre o falar e o agir. Será que somos coerentes entre o que passamos às nossas crianças e o que fazemos? E será que passamos imagens dignas de autoridade? A moralidade vivenciada na criança neste período depende de nossa capacidade de evidenciar o que há de mais belo no mundo e no humano, a fim de possibilitarmos a expressão individual de cada criança.

O caminho de desenvolvimento proposto por Steiner parte da entrada ao mundo físico de forma puramente física, que vai se tornando cada vez mais anímica, até chegar ao espiritual no mundo. No primeiro setênio preparou-se o físico, no segundo o anímico, neste terceiro setênio, o jovem adolescente preparará o seu espiritual, por meio dos pensamentos, para que, a partir dos 21 anos, início do próximo setênio, possa atuar no mundo de maneira consciente. A partir de agora, o relacionamento com o mundo torna-se mais evidente, verdadeiro; a relação entre professor e aluno, jovem e adulto, também. Agora, contemplamos muito do que foi inserido na alma infantil, nos períodos anteriores.

Todas as vivências do jovem até então constituíram-se como germes, que desabrocharão e florescerão, dependendo de toda a vivência anterior. Sua vida emocional já ganha autonomia a partir deste período, e a maturação dos órgãos sexuais demonstram tal autonomia. No entanto, o que ficou engendrado nesta vida anímica? Ideais puros, ou impulsos instintivos e paixões? Pois neste momento o jovem está para desenvolver o seu “Eu”, permitindo-o fazer julgamentos. O adulto, então, ganha uma nova qualidade perante este jovem que está aprendendo a ser uma individualidade. Esta nova relação torna-se mais equitativa, de modo que o educador, de maneira geral, alimente a capacidade ajuizadora do jovem, com o diálogo, o questionamento, a contribuição.

O adulto contribui, agora, com as teorias, com o conhecimento, toda a forma de dar subsídios ao jovem para que este compreenda o mundo e julgue-o, com o apoio necessário. “Para cultivar essa atitude, mestres e educadores devem, naturalmente, dar prova de muito tato, mas é justamente a mentalidade científico-espiritual que pode gerar esse tato.” (STEINER, 2012, p. 48). Fica claro o grande papel desempenhado pelo educador, a importante tarefa de abrir as portas para um mundo verdadeiro ao jovem, assegurando-o que não se perca nas desilusões da vida, se estivermos imbuídos de princípios morais para com estes. No entanto, nasce, agora, uma individualidade, que precisa seguir o seu caminho, seu destino, com os próprios pés. Desta forma, a ação de todo educador deve iniciar desde a mais tenra idade, de maneira que somente assim possa dar a sua contribuição para o desenvolvimento moral da criança.

Na prática da Pedagogia Waldorf, são essas as importâncias que devemos dar no ato de educar. Não há prescrição, como uma receita, Steiner oferece uma forma de observar o ser humano; a partir de então compreende-se como se deve agir. Um atributo necessário para o êxito na prática com as crianças é o *altruísmo*. Compreendendo que cada criança

veio ao mundo com sua maneira de atuar, o desenvolvimento moral não está para disciplinar, ou dar a direção exata para todas as crianças de maneira uniforme, o educador deve ter em seu anímico as forças altruístas, para compreender cada criança e atuar de acordo com cada necessidade.

Devemos, realmente, ter diante de nós como objetivo, como ideal, não inserirmos no indivíduo nenhuma parcela de nosso ponto de vista; devemos apenas nos colocar a seu lado, permitindo que ele desenvolva suas próprias simpatias e antipatias em relação a moral, para que ele cresça desenvolvendo corretamente os impulsos morais e que alcance a emancipação na idade adequada (STEINER, 2008, p. 66).

### **Por Que Devemos Pensar a Moral, Mesmo?**

Estamos na época cultural da humanidade em que a capacidade de pensar nos leva a caminhos profícuos, na busca da ascensão humana e do mundo. Podemos dar os rumos necessários ao mundo, a partir de nossas habilidades pensantes e atuarmos no mundo de maneira a convergir com um pensar moral. Do mesmo modo, partindo sempre da teoria adotada, somos mais que seres terrenos, inclusive de maneira que nosso pensamento é de outra esfera cósmica (STEINER, 1998). Por esse motivo, podemos superar a natureza terrena do ser humano, não nos aprisionando na especialidade da espécie, mas, sobretudo, nos permitindo evoluir e desenvolver sempre.

Contudo, a partir de então, só o faremos a partir de nossos próprios esforços, pois o objetivo da superação e ligação ao mundo que nos cerca depende das forças atuantes do pensar, ou seja, do “Eu”, consciência, do aspecto espiritual do ser humano. A partir da nossa individualidade não somos fadados a continuar como estamos, podemos evoluir. E, neste ponto, encontramos a frase grega, que nos inspira desde épocas longínquas,

a alcançar este novo objetivo da humanidade: encontrar-nos em nós mesmos, para encontrar-nos no mundo. De maneira meio confusa, adentramos no âmbito da moral humana. Confusa no sentido de identificar onde inicia o ser no mundo e onde se encontra em si próprio.

Do ponto de vista cultural, então, está no pensar intuitivo esta possibilidade de reencontrar o ser humano, no mundo e em si próprio. A vivência do pensar traz a possibilidade de nos relacionarmos novamente com o mundo de maneira livre, sem a interposição de um julgamento, conceito, regra, provindos de fora. Vivenciar o pensar é colocar-se de outra maneira perante o mundo e si próprio.

Atualmente prepondera um pessimismo com relação à atividade pensante humana, principalmente devido às consequências da aplicação da racionalidade instrumental para o progresso econômico, bélico e tecnológico. Corriqueiramente os sujeitos expressam – ao se referirem a si mesmos – a noção superficial de utilizar seu pensar, quando podem estar simplesmente concatenando blocos de representações conforme hábitos mentais arraigados e adquiridos segundo o modelo de seu contexto cultural. Este modo coletivo de representar e formular mentalmente um conjunto de representações é a reprodução de uma percepção cultural. O pensar como atividade baseada em si mesma não tem referência particular para seu modo de atuar. Aliás, são todas as modalidades de aplicação do pensar que se fundamentam nele próprio (BACH JR., 2015, p. 137).

Do ponto de vista individual, há a união de todas as formas de atuação do ser humano, não se classifica, nesse sentido, o que há de intelectual e moral na ação, pois toda e qualquer ação provém de um âmbito o qual é estabelecido uma relação fundamental com o mundo, partindo da esfera das ideias, donde surge o verdadeiro conhecimento unido com o ser pensante em questão. Na ação moral, diante das percepções da vida, a organização humana unida ao pensamento intuitivo

resulta nas representações mentais morais (BACH JR., 2015), de maneira que o agir torna-se livre, ou seja, o fazer moral provém do amor à ação e não por prescrições, imperativos, determinações. É o próprio conhecimento imbuído do querer que realiza a ação, cuja se torna mais assertiva, e, portanto, boa, na medida do desenvolvimento do pensar. Uma ação baseada nestes preceitos é que se define o individualismo ético.

Compreendendo as questões culturais atuais, precisamos nos colocar diante do mundo de maneira correta, a fim de contribuirmos com o desenvolvimento geral. Por termos a individualidade alcançada, podemos não querer dar esse passo, mas sofreremos as consequências, como vemos em muitos aspectos da própria vida e na sociedade. Entretanto, é cada vez mais nítido a necessidade dos seres humanos de mudanças nos fundamentos da vida. Torna-se cada vez mais claro os problemas aos quais enfrentamos culturalmente e os paradigmas que necessitam ser transformados no cotidiano, na sociedade, nas crenças, nos povos etc. Vamos entrando cada vez mais em contato com a verdade, não uma única verdade, mas aquela que nos conecta novamente ao mundo que nos cerca.

Os homens devem ir aprendendo a averiguar mais seriamente se aquilo que alegam corresponde à realidade. Somente se pode dizer ou informar algo depois de sentida e executada a obrigação de examinar se o fato realmente é esse, de fazer as possíveis comparações. Só depois de compreender essa obrigação é que se pode sentir a veracidade como um impulso moral. Aí ninguém mais poderá dizer, ao colocar no mundo uma informação errada: “Pensei que fosse assim, disse-o de boa fé”. Pois ele aprenderá que não basta dizer aquilo que se crê ser o certo, mas que também é obrigado a dizer aquilo que é verdade, que é correto. Isto só será possível à medida que, num certo aspecto, uma mudança radical comece a penetrar em nossa vida cultural (STEINER, 1985, p. 47).

Na atualidade, não basta acreditarmos naquilo que é moral no mundo, é necessário a atuação, o esforço da individualidade para a transformação daquilo que é realidade, conquistada a partir do conhecimento. E isso se dá em todos os âmbitos da sociedade. Na atuação do educador, portanto, a tarefa consiste na consciência do seu ato de altruísmo, como fundamento de toda ação. Nesse sentido, exige-se uma determinação própria, uma autoeducação. Pois, para que a ação seja altruísta, deve estar mergulhada em amor pela ação, ao mesmo tempo em que se deve conhecer verdadeiramente o ser humano, aquele que está no seu desenvolvimento físico, anímico ou espiritual, e o seu próprio desenvolvimento, como um indivíduo pensante e consciente atuando no mundo.

Desta forma, a educação moral torna-se uma tarefa difícil de ser empreendida, mas frutífera, na medida em que se compreende quais os impulsos morais devem emergir em cada alma humana, para que se desenvolva uma consciência plena e lúcida, proporcionando uma individualidade livre. A autoeducação é uma palavra-chave na Pedagogia Waldorf, pois traz à consciência do educador o seu papel fundamental. Leva-se em conta o desenvolvimento da individualidade do professor, e o processo de educar ganha uma qualidade vívida, amorosa, moral. “Assim, quando se reflete sobre a Pedagogia Waldorf, leva-se em consideração que sua aplicação envolve indivíduos em processo de desenvolvimento biológico e psíquico (discentes) e indivíduos que já cumpriram a etapa biológica e encontram-se na evolução anímica e mental.” (BACH JR.; STOLTZ; VEIGA, 2013, p. 165).

Nesse sentido, é um processo de despertar da consciência em ambos os lados, crianças e adultos. O conhecimento do ser humano permite-o atuar de maneira a favorecer o seu desenvolvimento moral. Podemos resumir como forças atuantes no processo de educar a gratidão,

o amor e o dever. “Como educadores, somos responsáveis pela inserção dos germes morais que, ao seu tempo, fecundaram-se e brotarão em forma de sentimentos, como a gratidão e o amor, que permearão toda a conduta humana, a partir de um sentimento de dever moral” (MARTINS; STOLTZ, 2020, p. 119). Desta maneira, permitiremos o agir livre humano, o individualismo ético.

Para encerrar as considerações aos quais nos permitem essas páginas, torna-se fundamental enfatizar o papel das artes como forma de atuação para o âmbito da moral, pois a Estética e a Arte, enquanto expressão da alma humana, leva ao âmbito religioso de cada ser humano, pois acessa aquilo que corresponde ao imponderável, eterno, arquetípico em cada um. Permite uma vivência anímica acompanhada do belo, trazendo à consciência a sensação divina vivenciada, “O artístico é, simultaneamente, o sentido que nos permite captar, imediata e cognitivamente, o humano em seu ser, de forma que este conhecimento se torna prática imediata na vida” (STEINER, 2008, p. 21).

A humanidade atual encontra-se às portas da liberdade, uma vez que o desenvolvimento cultural a levou por um caminho de individualização, para que se volte ao mundo com compreensão, conhecimento, agregando e não apenas fluindo e usufruindo com ele. Mas, tal empreitada levanta muitas dificuldades e esse caminho só será cumprido a partir do desenvolvimento da consciência, de maneira que, juntamente com o intelecto, atue o coração, gerando formas de agir em prol do desenvolvimento da humanidade. É a integração corpo-alma-espírito: faz-se com o pensar intuitivo e amor na alma. Isso vale para todos os âmbitos da vida; em todo tato com outro ser humano, no cuidado com a natureza, e consigo próprio. Devemos pensar sobre a moral porque é o caminho por onde devemos percorrer, caso queiramos nos tornar livres e conscientes.

## Referências

- BACH JR, J. O pensar intuitivo como fundamento de uma educação para a liberdade. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 56, p. 131-145, abr./jun., 2015.
- BACH JR, J.; STOLTZ, T.; VEIGA, M. da. Autoeducação e liberdade na Pedagogia Waldorf. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 23, n. 42, p. 161-175, jan./abr., 2013.
- MARTINS, M. O.; STOLTZ, T. A gratidão, o amor e o dever: a proposta Waldorf. *In*: LEPRE, R. M.; ALVES, C. P.; BATAGLIA, P. U. R.; ARRUDA, A. C. J. Z. **Desenvolvimento moral e educação em valores: estudos e pesquisas**. Bauru, SP: Gradus Editora, 2021.
- STEINER, R. **A arte de educar baseada na compreensão do ser humano**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica: Federação as Escolas Waldorf no Brasil, 2013.
- STEINER, R. **A educação da criança: segundo a ciência espiritual**. 5. ed. São Paulo: Antroposófica, 2012.
- STEINER, R. **Pedagogia, arte e moral**. São Paulo: João de Barro Editora, 2008.
- STEINER, R. **A crônica do Akasha**. A gênese da terra e da humanidade: uma leitura esotérica. São Paulo: Antroposófica, 2004.
- STEINER, R. **A filosofia da liberdade: fundamentos para uma filosofia moderna**. São Paulo: Antroposófica, 2000.
- STEINER, R. **A ciência oculta: esboço de uma cosmovisão supra-sensorial**. 4. ed. São Paulo: Antroposófica, 1998.

STEINER, R. **A moral teosófica**. São Paulo: Editora Antroposófica, 1985.